

CURSO INTENSIVO 2022

Prática redação de texto ITA 2022

**Desenvolvimento II -
Argumentação**



Prof. Wagner Santos



Sumário

APRESENTAÇÃO	3
1 ANÁLISE SOCIAL	3
2 ESTUDANDO O DESENVOLVIMENTO II	7
2.1 Autoridade	7
2.2 Literatura Clássica	9
2.3 Contexto histórico	10
2.4 Dados estatísticos	10
2.5 Exemplos reais	11
3 EXERCÍCIOS: ARGUMENTAÇÃO SUSTENTADA	13
4 PRÁTICA DE REDAÇÃO	23
Proposta I.	24
Proposta II	28
Proposta III	31
Proposta IV	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37



Apresentação

Fala, Bolas de Fogo!

Nessa nossa aula, apresentaremos as bases de aprofundamento da sua redação. Como conversamos na aula anterior, os argumentos necessitam ser aprofundados para que sejam bem avaliados na hora da correção de seu texto. Dessa forma, olharemos para as possibilidades de construção de argumentos mais profundos, para ajudar na sua nota de conteúdo. Está preparado? Bora que só bora, então!

1 Análise Social

Um termo que tem aparecido frequentemente em discussões acerca dos problemas contemporâneos é a ideia extremamente interessante de **Sociedade do cansaço**. Vamos investigar um pouco esse termo para que você possa ser capaz de utilizar essas ideias em sua redação. Contudo, antes de começarmos, é interessante notar que esse é um repertório mais específico, sendo aplicado a argumentos, logicamente, mais específicos também. Com relação a essa noção entre repertório e argumento, nunca é demais lembrar a nossa ordem de encadeamento (já nos serve para o restante da aula).

Sua tese se relaciona com o tema do seu texto.

Seus argumentos se relacionam com sua tese.

Seus repertórios se relacionam com os argumentos.

Byung-Chul Han (1959 -) é o professor e filósofo sul-coreano que desenvolveu a teoria da "sociedade do cansaço", por meio de um livro que leva exatamente o mesmo nome da teoria por ele criado. Ele abre seu livro homônimo com a frase "**Cada época apresenta suas enfermidades fundamentais**" e é a partir dessa ideia de que ele desenvolve o conceito que utilizaremos aqui, durante nossa análise social.

Para o filósofo, vivemos em uma sociedade que enfrenta um aumento considerável de **doenças**, como depressão e transtornos de personalidade, além de síndromes como hiperatividade e *Burnout* - distúrbio psíquico que advém de um grande esgotamento físico e mental. Para ele, vivemos num momento de **violência neuronal**.



INDO MAIS
FUNDO!

Gosto muito da ideia de existência de violências que não estão relacionadas com a violência física, dado que passamos a entender que as possibilidades de sofrermos violência se ampliam e os problemas, que muitas vezes podem ser entendidos como pequenos, ou, ainda, como invencionices das pessoas, passam a ser entendidos como processos de violência constante. Recomendo, inclusive, que vocês deem uma olhada no pensamento de **Violência simbólica**, do francês Pierre Bourdieu, em que é possível ampliar a conceituação da violência, inclusive levando-a a pontos que não imaginamos como violentos.

A teoria de Han e a de Bourdieu conversam abertamente ao mostrarem que as mazelas sociais são tramas muito mais complexas do que podemos imaginar. E mais profundo do que isso: para Bourdieu, **esse tipo de violência, que pode incluir a neuronal, é naturalizado em meio à sociedade, fazendo com que tenhamos muita dificuldade em analisá-la e, pior, percebê-la.**

Um elemento identificado pelo filósofo como possível causa para isso está em nossa **cobrança constante por sucesso**. Nossa sociedade é focada no **desempenho**: nos cobramos cada vez mais para apresentar resultados. Em meio a uma sociedade de produção como a nossa, é constante que tenhamos cobranças cada vez maiores para que estejamos em constante produtividade. É comum, por exemplo, que muitos estudantes de vestibulares e exames militares, como é o caso de vocês, se cobrem por estarem em momentos de lazer e de descanso. Parece-nos, nesses momentos, que não estamos aproveitando o tempo que temos. "Poderíamos estar nos resolvendo exercícios agora e estamos nessa festa". Se identificou?

A sociedade se sustenta sobre a égide da construção de produção constante. Se não estamos produzindo, não estamos aproveitando nosso tempo. Essa é a "cilada" construída pela ideia da **sociedade do cansaço**: a produtividade deve ser constante e infinita.

Isso se torna agravado por uma **ideologia da positividade**: sentimos que devemos ser felizes, positivos, animados e bem-sucedidos o tempo todo, sem que exista espaço para o sofrimento e para a dor. Precisamos, o tempo inteiro, transformar nossos momentos ruins em elementos positivos. Pior do que isso, é **errado sofrer e não conseguir positivar as agruras de**



nossas vidas. Isso se comprova quando olhamos para o mercado de discursos motivacionais que cresce sem parar desde o início do século XXI. O problema é que esse reforço motivacional constante já mostra **efeitos colaterais**. Dentre esses efeitos, temos exatamente as doenças que assolam a mente das pessoas que não conseguem alcançar aquilo que se espera dele: **são comuns processos de depressão a partir de uma relação de que não conseguimos ver o quanto a vida é bela e linda.** É inegável que a sociedade só valoriza o sucesso e a produtividade constante.

TOME
NOTA!

SOCIEDADE DO DESEMPENHO

Outro termo utilizado pelo filósofo no livro “A sociedade do cansaço” é **sociedade do desempenho**. Para ele, a necessidade de obter sempre excelência em tudo o que fazemos é um modo de manter os sujeitos controlados e disciplinados.

Dito de outra forma, não buscamos mudar as estruturas – mesmo aquelas que são prejudiciais a nós mesmos – porque sentimos forte necessidade de sempre obtermos o máximo de desempenho em tudo o que fazemos.

Numa sociedade guiada pelo desempenho, é preciso ter sempre novos projetos, alta produtividade, iniciativas e metas a serem batidas. Por vezes essas imposições vêm de figuras hierarquicamente acima de nós – chefes, por exemplo – por outras, são impostas por nós mesmos.

É possível pensar em diversos temas a partir dessas ideias:

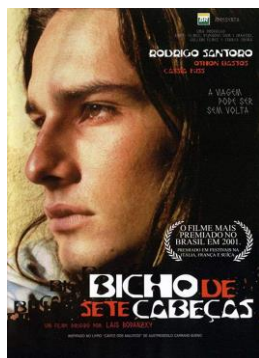
- A saúde mental no mundo contemporâneo.
- O reforço às ideias de empreendedorismo, ou seja, a valorização da iniciativa pessoal no mercado de trabalho.
- A necessidade de se encaixar nos padrões da sociedade – de comportamento e pensamento.
- O crescimento da indústria da motivação e dos produtos motivacionais no contemporâneo.
- A vida de sucesso das redes sociais como forma de fugir do fracasso.

Notem, por fim, que esse é um repertório que nos serve para muitos momentos de vida. Não deixemos de notar a importância das relações institucionalizadas e esperadas pela sociedade.



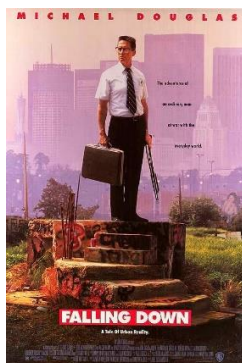
FILMES

Bicho de sete cabeças (2000)
Dir.: Laís Bodanzky



Neto é um jovem de classe média que vive uma vida comum. Um dia, seu pai descobre drogas em seu bolso e decide mandá-lo para uma instituição psiquiátrica. Lá, ele descobre uma realidade absurda e desumana.

Um dia de fúria (1993) Dir.: Joel Schumacher



Bill Foster é um homem ordinário de vida comum. Um dia, tentando chegar em casa para o aniversário da filha, ele perde a paciência, tem um surto de raiva e começa a resolver seus problemas - mesmo os insignificantes - com violência.

Foi apenas um sonho (2008) Dir.: Sam Mendes



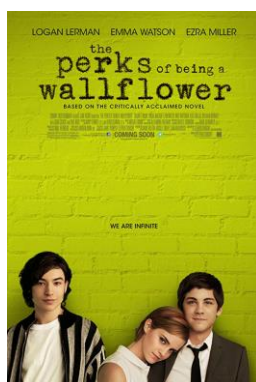
Em 1955, o casal Frank e April está vivendo uma crise no seu casamento. Ele trabalha 10 horas por dia e ela cuida da casa em um convencional subúrbio. Eles começam a planejar modos de se rebelar contra o tédio de suas vidas.

Relatos Selvagens (2014)
Dir.: Damián Szifron



O filme se divide em seis episódios. Em cada uma das pequenas histórias, explora-se o modo como reagimos a situações extremas e como lidamos com stress. Atente-se principalmente aos episódios *Bombita* e *Hasta que la muerte nos separe*.

As vantagens de ser invisível (2012) Dir.: Stephen Chbosky



Charlie é um adolescente de 15 anos lidando com muitas questões: seu melhor amigo se suicidou, seu primeiro amor, suas tentativas de se encaixar na sociedade e encontrar pessoas com as quais se identifique e sua própria saúde mental. Ele está buscando seu lugar no mundo.

Cisne Negro (2010) Dir.: Darren Aronofsky



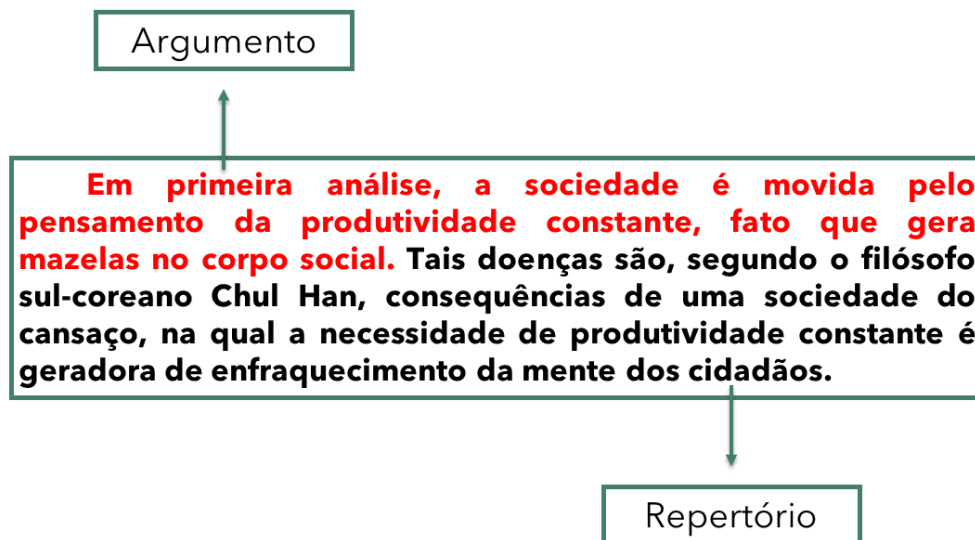
Nina é uma bailarina cuja vida é completamente consumida pela dança. Haverá uma nova montagem do Lago dos Cisnes na companhia e Nina é a primeira escolha para o papel principal do espetáculo. Ela enfrenta, porém, a competição com outra bailarina, Lily, para o papel.



2 Estudando o desenvolvimento II

A partir de agora, vamos nos dedicar à ideia da comprovação dos nossos argumentos. Como estamos dizendo desde o começo de nosso curso, os argumentos colocados em nossos textos precisam, necessariamente, de comprovação. Sem essa comprovação, não há a profundidade necessária para uma boa nota em nossas construções textuais. Assim, vamos analisar algumas formas de comprovação, com exemplos para que vocês possam entender claramente o que se espera de vocês.

É sempre importante lembrar, também, que **o seu repertório não é o seu argumento**. Ainda que possa se confundir em determinado ponto, o seu argumento é uma coisa e o seu repertório é outra coisa. Vamos ver, rapidamente, essa relação.



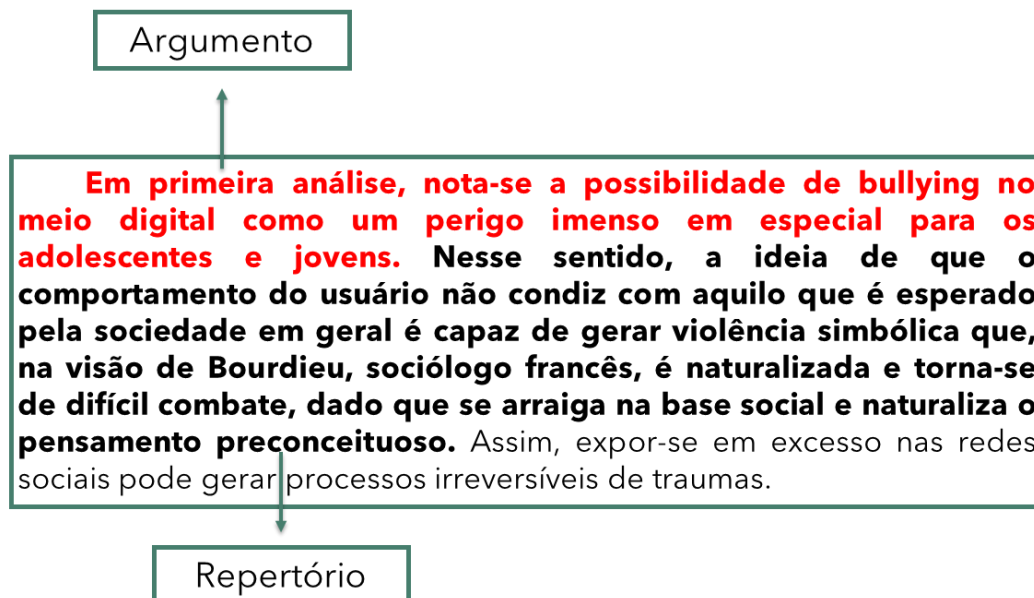
No exemplo acima, autoral, temos a construção clássica de argumento (que é autoral, seu mesmo) e de repertório (que é a base de informatividade do texto). A partir de agora, analisaremos as formas possíveis de construção de repertórios. Como exemplificação, decidi utilizar parágrafos autorais, sobre o tema "As redes sociais", com aspectos mais diferenciados para adaptarmos bons exemplos a vocês, para que possamos aproveitar um pouco a análise social apresentada no começo de nossa aula de hoje. Bora que só bora, Bolas!

2.1 Autoridade

O repertório de autoridade é compreendido como todo aquele repertório que necessariamente se utiliza de uma pessoa habilitada naquele assunto do qual trata seu argumento. Ou seja, é um especialista que pode aparecer como sustentador de seu pensamento. Dentre esses especialistas, podemos encontrar **sociólogos, filósofos, geógrafos**, entre muitos outros que serão escolhidos a depender do que você tratará no seu argumento. Ou seja, se o seu argumento tem um viés sociológico, o ideal é que tenhamos uma base de sustentação sociológica.

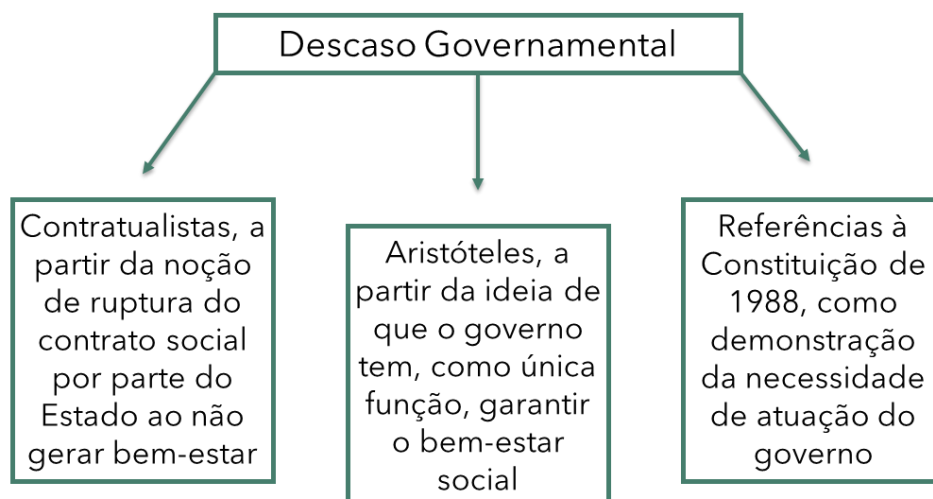


Infelizmente, e digo isso realmente com muita dor no coração, ultimamente temos notado uma preferência, por parte dos corretores, com relação a esse tipo de repertório, o que tem levado a uma utilização errônea de muitos pensadores, com exagero na construção sociológica e uma maior preocupação com o repertório do que realmente com aquilo que está sendo construído como argumento.



No exemplo acima, percebe-se a construção de um argumento que será sustentado pelo pensamento de um dos principais sociólogos do século XX. Notem que há correlação clara entre o argumento e o repertório, sem que o segundo tome o lugar do primeiro. É interessante, ainda, notar que podemos ter alguns argumentos mais "coringas", que podem ser aplicados a alguns temas. Como o nosso repertório se relaciona com o nosso argumento e não com o tema, podemos usar argumentos variados nesse sentido.

Vejamos um exemplo dessas possibilidades de construção de argumentos mais coringas com suas respectivas possibilidades de repertório.



No caso, em construções em que há problematização, é possível construir-se uma relação de argumentação contrária ao governo, dado que cabe a ele a relação de cuidado da sociedade de forma geral.

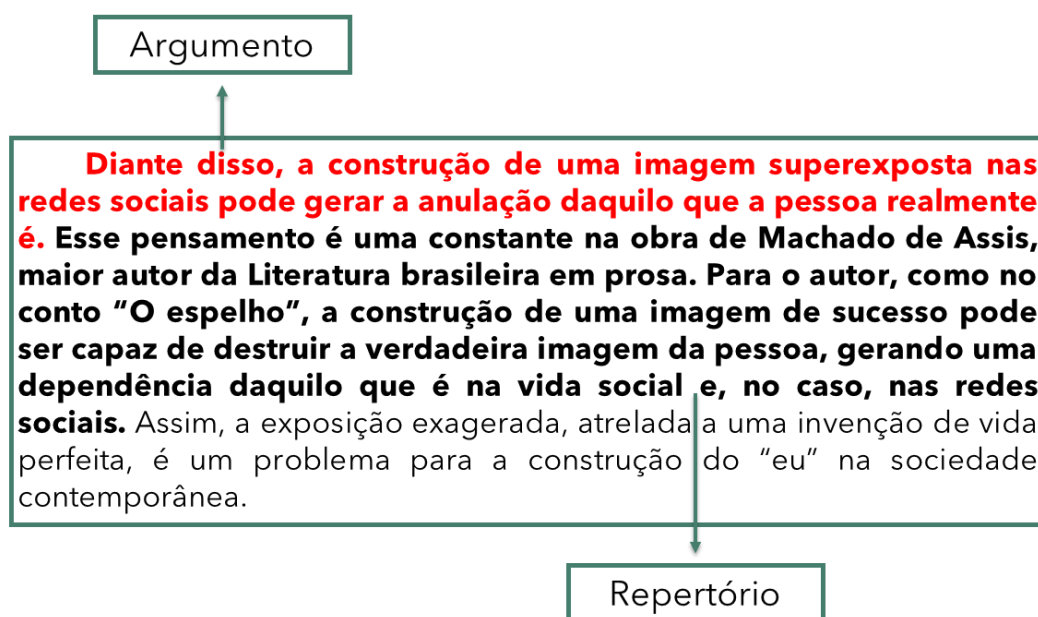
2.2 Literatura Clássica

Essa forma de construção é extremamente interessante e pode ser mais bem explorada por vocês durante a construção de seus argumentos. No caso, precisamos atentarmo-nos para a necessidade de indicar de forma correta o nome do livro, com indicação correta do autor do texto (que pode ser um conto também), e a relação correta com o argumento.

Gosto muito desse tipo de repertório e é interessante destacar dois pontos:

- Utilizamos obras literárias do cânone, ou seja, aquelas obras consideradas clássicas (aquelas que estudamos na escola); e
- Há necessidade de prestarmos muita atenção com relação àquilo que entendemos da obra, dado que seu corretor tem conhecimento pleno desse repertório (inclusive, por isso é tão recomendado).

Vamos dar uma olhada em um exemplo dessa utilização. É claro que não poderíamos deixar de trazer nosso Bruxo do Cosme Velho para esse material.

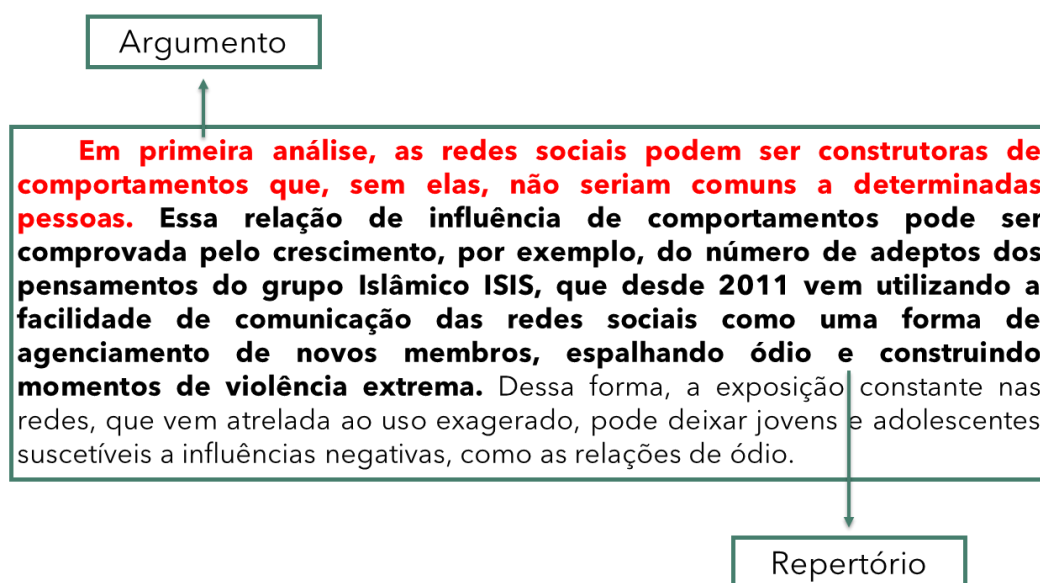


No exemplo acima, usamos Machado de Assis, a partir de um dos contos mais sensacionais da história da literatura nacional, em que o autor consegue demonstrar claramente a ideia de que a construção de uma imagem social é capaz de anular a verdadeira essência dos seres humanos. No caso do argumento apresentado, é perfeitamente possível percebermos a correspondência, essencial para a construção de um repertório que seja produtivo (realmente sustente o argumento).



2.3 Contexto histórico

A sustentação por contexto histórico é outra muito interessante para a construção de seu texto. Dizemos isso sem medo, dado que entendemos que os estudantes se deparam, com frequência, com esse tipo de construção de conhecimento. Estudamos história em todos os anos de nossa formação básica e esse conhecimento se torna uma possibilidade belíssima de uso. Devemos entender, ainda, que a validação desse tipo de repertório é fundamentada na veracidade das informações trazidas em seu texto. É necessário que aquilo seja comprovável dentro da história.



É claro que os acontecimentos históricos relacionados às ideias de redes sociais são mais próximos a nós, sem a ideia de fatos históricos antigos. Contudo, não perde o valor de referência histórica por serem mais atuais. Nesse caso, podemos entender que temos uma relação de mescla entre história e exemplificação, dado que foi fato de conhecimento de todos.

O uso do contexto histórico é bastante comum na introdução das redações, por ser uma forma interessante de apresentação de assunto e tema. Contudo, é interessante dizer que **seu texto deve variar quanto ao repertório utilizado: se usou história na introdução, não a utilize no seu desenvolvimento**. Isso pode indicar pobreza de conhecimento e gerar o processo exatamente oposto ao de chamar a atenção do corretor.

2.4 Dados estatísticos

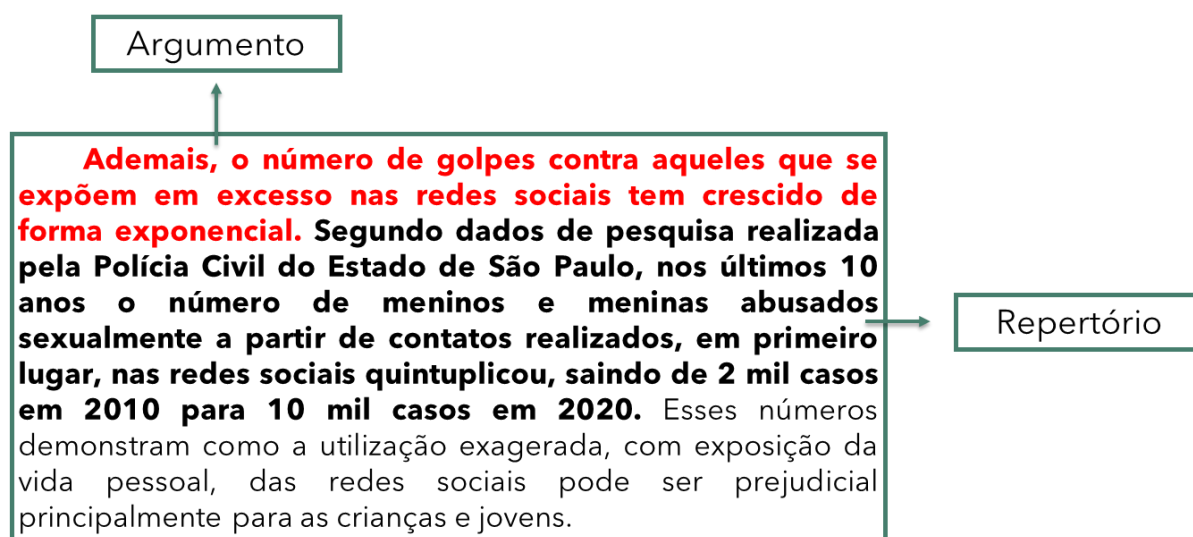
Essa é uma das formas mais constantes de uso de comprovação de argumentos. É interessante, inclusive, pensar que temos uma frase famosa que explica essa relação mais constante: **contra dados não há argumentos**. Podemos entender, então, que o argumento comprovado estatisticamente é difícil de ser derrubado.

Ainda assim, algumas coisas precisam ser lembradas quanto ao uso desse tipo de repertório:



- Os dados sempre devem ser acompanhados de instituto de pesquisa ou daqueles que encomendaram a pesquisa. Ou seja, não utilizamos a ideia de “segundo pesquisas”, dado que isso indica desconhecimento dos dados utilizados.
- Os dados que aparecem nos textos motivadores podem ser utilizados, sem medo, na sua redação. Como não são argumentos, mas somente comprovações da sua argumentação, não são considerados cópias.
- Se souber de um dado, mas não se lembrar de quem fez a pesquisa, “coloque na conta do papa”. Como assim, Bola de Fogo? Pense na relação dos dados com um ministério que se relaciona com as informações. Por exemplo: Segundo dados da pesquisa encomendada pelo Ministério da Educação, cerca de 75% da população estudantil do país não tem acesso de qualidade à internet.

Vamos dar uma olhada na construção de um argumento com esse tipo de comprovação.



2.5 Exemplos reais

Essa é uma das formas mais utilizadas para a construção de repertório, principalmente quando o assunto está relacionado com um tema sobre o qual não temos tantas informações. Quando isso acontece, é comum que busquemos a utilização de nosso conhecimento para a construção de repertório. Assim, precisamos somente lembrar o seguinte: **os exemplos serão válidos quando forem de conhecimento geral.** Não nos adianta, então, falar do que aconteceu com nossa família, ainda que, claro, para nós, isso tenha uma importância grande.

**LAMENTÁVEL**

Muitas vezes, os alunos acham que o corretor é **obrigado a conhecer todas as referências ou acontecimentos da atualidade**. Você **NÃO DEVE** cair nesse erro!

Ainda que alguns eventos pareçam conhecidos por todos, não presuma que o corretor vai completar informações.

Mesmo que você utilize exemplos conhecidos, não deixe de explicá-los minimamente para garantir que você não perca pontos.

Vamos, então, dar uma olhada na construção de um parágrafo com esse tipo de repertório.

Argumento

Além disso, o uso das redes sociais pode espalhar notícias falsas que serão prejudiciais a algumas pessoas. Um excelente exemplo disso é o caso da dona de casa Fabiane de Jesus, do Guarujá, que foi linchada após ser confundida com uma sequestradora de crianças. Os usuários da rede receberam fotos que indicavam Fabiane como a culpada pelos crimes e decidiram fazer justiça com as próprias mãos e acabaram matando uma pessoa inocente, sem nenhuma relação criminal. Fatos como esse demonstram a necessidade de responsabilidade no uso das informações recebidas pelas redes.

Repertório

Pronto, Bolas de Fogo. Acredito que, com essas indicações, vocês conseguem o caminho necessário para a construção de uma argumentação mais profunda e que possa garantir boas notas com relação à informatividade e ao conteúdo. Não se esqueça de que, se você argumenta, seus argumentos necessitam de comprovação para serem considerados válidos e sua redação profunda.

Destaco, por fim, que essas são somente algumas formas de comprovação de seus argumentos, na realidade, as cinco mais utilizadas em nossas construções textuais. Cuidado, contudo, com a construção de argumentação mais próxima da exposição. **Cuidado com o uso de conceitos e princípios no desenvolvimento!**





Nunca é demais lembrar duas coisas importantes com relação ao uso de repertórios:

- 1) Os repertórios apresentados como possibilidades de desenvolvimento são possíveis também para a contextualização de introdução.
- 2) A informatividade que interessa ao seu corretor é a do seu desenvolvimento, ou seja, utilizar repertório no seu desenvolvimento não substitui o uso de argumentos desenvolvidos por meio de repertório.

ACORDE!



É necessário que vocês se atentem a problemas que podem surgir com o uso dos repertórios:

- * A falta de relação entre o repertório e o argumento: é o que acontece, por exemplo, com o uso da ideia de barbárie de Hanna Arendt para ideias sociais que não envolvam a banalização do mal (lembre-se de que essa teoria surge em meio ao Nazismo)
- * Os exemplos devem ser mais conhecidos, sem considerar exatamente aquilo que você passou na vida ou, ainda a sua família.
- * Cuidado com o uso de repertórios extremamente clichês que não são desenvolvidos de forma correta ou profunda. Isso ocorre muito com frases prontas.
- * Uma autoridade é aquela que apresenta conhecimento daquilo que fala e não simplesmente aquele que estuda alguma coisa e fala sobre outras realidades. Por exemplo, é muito comum encontrarmos o uso da frase de Einstein "É mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito", em temas relacionados a preconceitos. Ainda que seja uma frase correta, não é um argumento de autoridade, dado que Einstein não se dedicou ao estudo dos preconceitos na sociedade.

3 Exercícios: argumentação sustentada

Vamos fazer alguns exercícios para treinar a argumentação. Em todos eles, há espaço para a redação de dois argumentos. Como escrevê-los (utilizando uma das formas de repertório aqui apresentadas ou, ainda, de outras maneiras) fica a seu critério. Pratique e compreenda qual você tem mais facilidade.



I.

Texto 1

A primeira ideia que a maioria dos brasileiros tem sobre os índios é a de que eles constituem um bloco único, com a mesma cultura, compartilhando as mesmas crenças, a mesma língua. Ora, essa é uma ideia equivocada, que reduz culturas tão diferenciadas a uma entidade supra étnica. O Tukano, o Desana, o Munduruku, o Waimiri-Atroari deixa de ser Tukano, Desana, Munduruku e Waimiri-Atroari para se transformar no "índio", isto é, no "índio genérico". Alguém aí pode objetar: - Ah, mas existe também "europeu" como uma denominação genérica que engloba vários povos de línguas e culturas diversas e ninguém questiona isso. É verdade. No entanto, quando um português ou um francês dizem que são europeus, essa denominação genérica não apaga a particular. Eles continuam sendo, cada um, português ou francês. No entanto, no caso do "índio", o equívoco está em que o genérico apaga as diferenças. O "índio" deixa de ser Tukano, Desana, etc. para se transformar simplesmente no "índio".

FREIRE, José Ribamar Bessa Freire. **Cinco ideias equivocadas sobre os índios**. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/cinco_ideias_equivocadas_jose_ribamar.pdf Acesso em set. 2019.

Texto 2

A terra indígena não é apenas o espaço ocupado pelos índios, mas todo o espaço necessário para a sobrevivência de sua cultura.

O estudo para sua demarcação, portanto, leva em conta todo o território utilizado pelo índio para sobreviver e para manter suas crenças, em respeito à Constituição Federal. São 115 terras em estudo para demarcação no país. (...)

O procedimento de demarcação de terras é composto pelas seguintes fases: fase de identificação e delimitação, fase de demarcação física, fase da homologação e fase do registro das terras indígenas. A terra indígena está livre para utilização a partir do momento em que é homologada. São, portanto, 440 áreas homologadas e regularizadas no país, do total de 672 contabilizadas pela Funai. Segundo a Funai, no entanto, essas terras não estão livres de conflitos.

Adaptado de Ministério Público do Paraná. Disponível em: <http://www.direito.mppr.mp.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=255> Acesso em set. 2019

TEMA:

RECORTE TEMÁTICO:

TESE:



**Argumentação:****Argumento 1:****Argumento 2:**

Antes de ler o comentário, lembre-se:

Não há uma resposta completamente certa quando o assunto é o texto dissertativo.

Defender um ponto de vista tem mais a ver com a capacidade de conseguir embasar sua opinião com argumentos consistentes do que com estar "certo".

Aqui, apontamos caminhos possíveis.

Nos dedicamos sempre a um tema específico nos comentários, o que não significa que seja o único tema possível.

Comentário Tema 1

Uma opção de tema acerca desses textos de apoio é "**a questão indígena no Brasil**". O **texto 1** fala sobre os estereótipos que criamos em torno dos grupos étnicos indígenas. O texto afirma que há um reforço constante na ideia de que o "índio" é "uma coisa só", ou seja, que não há particularidades ou especificidades entre os diversos povos indígenas brasileiros. O texto ainda aponta para uma diferença de tratamento entre as nacionalidades europeias e as indígenas brasileiras, em que a primeira goza de maior reconhecimento. Já o **texto 2** aponta para o modo como é determinada a demarcação de terras indígenas no Brasil. O texto relata as determinações que guiam o processo e qual a função e importância de demarcar esses territórios.



A partir desse tema, a argumentação pode se desenvolver em diversas direções:

- Por que motivo temos uma visão estereotipada ou deturpada dos povos indígenas?
- Como a visão que temos dos indígenas pode influenciar nos processos práticos, com a demarcação de terras?
- Qual a importância - ou não - da demarcação das terras indígenas hoje?

Alguns pontos a levar em consideração e que podem ser argumentos a se desenvolver são:

- Apesar de brasileiros, temos pouco conhecimento de passagens da nossa história. Essas escolhas do que deve ou não ser ensinado nunca são gratuitas. Elas são parte de um projeto de ensino e construção de pensamento na sociedade, que se beneficia dessas escolhas.
- Por entendermos os grupos étnicos indígenas como parte de um todo sem particularidades não entendemos que eles podem possuir necessidades específicas. Assim, temos dificuldade em compreender por que motivo seria necessário preservar essas culturas e identidades.
- Se as terras indígenas demarcadas têm outras funções que não apenas a preservação da cultura daqueles povos - como preservação ambiental, por exemplo - então a importância em preservar essas terras é de interesse de todos, não apenas de um grupo.

II.

Texto 1



Disponível em: < <https://www.marcoeusebio.com.br/coluna/teoria-da-evolucao-na-charge-do-amarildo/32472?a=coluna&b=teoria-da-evolucao-na-charge-do-amarildo&c=32472> > Acesso em set.2019.



Texto 2

No documentário *Zumbi Somos Nós*, que estreou ontem à noite na TV Cultura, existe uma crítica à maneira como a mídia trabalhou, em 2005, no episódio em que o zagueiro argentino Desábato xingou o atacante brasileiro Grafite e saiu do estádio do Morumbi para uma delegacia policial. Quem explica essa visão é o DJ Eugênio Lima, um dos integrantes da Frente 3 de Fevereiro, que criou o documentário.

Eugênio Lima:

- Ela avalizava o senso comum. Não tinha nenhuma posição crítica. Na verdade, ela confirmava algo que depois fomos comprovar a partir de pesquisas. Perguntado para as pessoas se eram racistas, 90% das pessoas disseram que não. Perguntadas sobre se existe racismo no Brasil, 95% dessas mesmas pessoas disseram que sim. Racista é sempre o outro, mas cada um não é racista. Mas existe o racista. Aquele caso é exemplar. Porque era um caso de racismo que só nos competia delatar. O outro era argentino. Nem brasileiro era. A mídia reforçou uma ideia do senso comum que é: o brasileiro é uma espécie de ilha de democracia racial, cercado de racistas por todos os lados. Ela, que deveria ter um papel crítico diante da situação, não tem nenhum papel crítico. Ela só reforça os estereótipos e a ideia do senso comum.

Por Mauro Malin em 28/05/2007, Observatório da Imprensa. Trecho disponível em:
<<http://observatoriodaimprensa.com.br/radio/gtreacao-venezuelanaracistas-sao-os-outros/>> Acesso em set.2019.

TEMA:

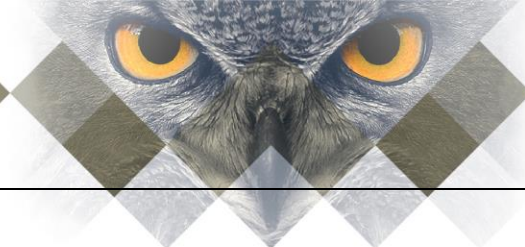
RECORTE TEMÁTICO:

TESE:

Argumentação:

Argumento 1:





Argumento 2:

Comentário Tema 2

Uma opção de tema acerca desses textos de apoio é “**racismo**” e “**preconceito contra negros**”. O **texto 1** apresenta um chimpanzé mostrando que sente vergonha de ser associado aos seres humanos de algum modo. O texto joga com a prática racista de ofender pessoas negras com o xingamento de “macaco”, pois aqui, a verdadeira ofensa para o chimpanzé é ser ligado aos homens. A ideia de que o homem descenda do macaco, ainda que muito popular no senso comum, não é verdadeira. Tanto o chimpanzé quando o homem descendem de um ancestral comum, ou seja, cada um descende de uma linhagem que divergiu de um mesmo ancestral. O **texto 2** parte de um documentário sobre racismo para apresentar uma conta que não fecha: apesar de 90% das pessoas afirmarem que não são racistas, 95% das pessoas acreditam que o racismo exista. Será possível que os 10% restantes da população poderiam ser responsáveis por todo o racismo do mundo? O que o texto deixa implícito que é possível que sejamos racistas mesmo sem perceber.

A partir desse tema, a argumentação pode se desenvolver em diversas direções:

- A persistência do racismo, mesmo diante da ideia de que haveria uma suposta harmonia racial no Brasil.
- O papel da mídia e das comunicações na perpetuação do racismo.
- A dificuldade em reconhecer-se preconceituoso e as razões para isso.

Alguns pontos a levar em consideração e que podem ser argumentos a se desenvolver são:

- Há uma aparente estabilidade nas relações e nas tensões raciais. Porém, diante de qualquer instabilidade nessas relações, o racismo emerge. Alguém pode agir de maneira que não concordamos ou podemos nos incomodar com alguém a todo momento. Como reagimos a essas situações? Somos capazes de responder de maneira preconceituosa?
- Quais são as imagens da mídia de pessoas negras? Que personagens ou conflitos estamos habituados a ver pessoas negras nas produções artísticas, principalmente no audiovisual e na publicidade? De que maneira nos habituamos a pensar pessoas negras sempre do mesmo modo ou no mesmo lugar?



- A ideia de que se possa ser preconceituoso é difícil para a maioria das pessoas. Costumamos querer nos enxergar como pessoas que não têm preconceito ou que tratam a todos da mesma maneira. Não parece possível, porém, que tantos casos de racismo sejam sempre cometidos pelas mesmas pessoas.
- Criados numa sociedade racista por tanto tempo, somos ensinados ideias e práticas racistas ainda que não as percebamos como tal.

III.

Texto 1

Impera, hoje, o apelo emblemático ao prazer. Um prazer que não se resume apenas à ausência de sofrimento, mas que há de ser intenso, imediato, não-negociável. O imperativo é: "quero agora, quero muito, quero tudo, e sempre". O discurso social idolatra a posição de plenitude alcançada sem muito esforço. É a tentativa de abolição da falta, do vazio e de qualquer insatisfação. Já não se valoriza a satisfação "pequena", "ordinária", "comum"; o máximo de prazer - e que seja imediato - é o que se quer.

Estar sempre bem, de bom humor são os "estados de espírito" que o discurso atual valoriza. O desejo visa, sempre, à imediata satisfação, já que seu adiamento apresenta-se intolerável. Não há abertura para escolhas, e a negociação entre perdas e ganhos inexiste: "quer-se tudo, e agora!" (...)

Penetra-se, então, no universo das drogas: das drogas ilícitas ou dos medicamentos prescritos pela Psiquiatria; participantes, tanto uma quanto o outro, do mesmo universo, na medida em que visam a tornar o Eu apto ao exercício da cidadania do espetáculo. Enquanto as chamadas drogas pesadas têm por fim a exaltação nirvânica do Eu, inebriando a individualidade para o desempenho na cultura da imagem, as drogas ditas medicinais pretendem, ao conter angústias e sentimento, capacitar o indivíduo para as mazelas do narcisismo.

PELEGRI, Marta Regueira Fonseca Pelegrini. **O abuso de medicamentos psicotrópicos na contemporaneidade**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000100006> Acesso em 29 ago. 2019.

Texto 2

A maior parte das pessoas, quando ouvem falar em "Saúde Mental" pensam em "Doença Mental". Mas, a saúde mental implica muito mais que a ausência de doenças mentais.

Pessoas mentalmente saudáveis compreendem que ninguém é perfeito, que todos possuem limites e que não se pode ser tudo para todos. Elas vivenciam diariamente uma série de emoções como alegria, amor, satisfação, tristeza, raiva e frustração. São capazes de enfrentar os desafios e as mudanças da vida cotidiana com equilíbrio e sabem procurar ajuda quando têm dificuldade em lidar com conflitos, perturbações, traumas ou transições importantes nos diferentes ciclos da vida.

A Saúde Mental de uma pessoa está relacionada à forma como ela reage às exigências da vida e ao modo como harmoniza seus desejos, capacidades, ambições, ideias e emoções.

Disponível em: <<http://www.saude.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=2862>> Acesso em: 29 ago. 2019.





TEMA:

RECORTE TEMÁTICO:

TESE:

Argumentação:

Argumento 1:

Argumento 2:

Comentário Tema 3

O termo “saúde mental” tem entrado no nosso vocabulário e se tornou popular entre as pessoas mais jovens devido a uma série de acontecimentos. Segundo definição da Organização Mundial da Saúde (OMS), saúde mental é **um estado de bem-estar no qual o indivíduo é capaz de usar suas próprias habilidades, recuperar-se do estresse rotineiro, ser produtivo e contribuir com a sua comunidade.**

Para a ONU, a saúde mental é mais do que a ausência de transtornos mentais, como ansiedade (também chamado de transtorno de ansiedade generalizado), depressão, transtorno bipolar etc. É o bem-estar físico, mental e social. **Não é apenas uma questão clínica: fatores socioeconômicos podem influenciar numa perda da saúde mental.**

A partir desse tema, a argumentação pode se desenvolver em diversas direções:

- O abuso de medicamentos psicotrópicos no contemporâneo.



- A saúde mental no contemporâneo: razões para o abalo e possíveis estratégias para melhorá-la.
- A pressões da sociedade e sua responsabilidade nos abalos psíquicos.

Alguns pontos a levar em consideração e que podem ser argumentos a se desenvolver são:

- Quais métodos a sociedade vem buscando para coibir o aumento do uso de medicamentos e o aumento das doenças mentais? Há algo de fato sendo feito ou a sociedade em geral prefere medicar do que atacar a raiz do problema?
- Como está a saúde mental em cada idade? O que influi na vida das crianças, jovens, adultos e idosos para que haja abalos em sua saúde mental?
- Qual a imagem das pessoas que sofrem com algum distúrbio ou fazem uso de algum medicamento na sociedade? Há uma visão pejorativa dessas pessoas? Há ainda uma romantização em torno da ideia da loucura?

IV.

Texto 1

Preconceito linguístico

O que seria o tal preconceito linguístico? Ele existe? Se sim, qual a sua natureza? Se deve ser combatido, como todos os preconceitos, quais deveriam ser as armas de combate?

Talvez seja bom começar por uma definição de preconceito. A do Dicionário Houaiss é bastante esclarecedora. Segundo essa fonte, preconceito é “qualquer opinião ou sentimento, quer favorável quer desfavorável, concebido sem exame crítico”, o que em seguida é mais bem especificado: “ideia, opinião ou sentimento desfavorável formado a priori, sem maior conhecimento, ponderação ou razão”.

Na segunda acepção, o preconceito é definido como “atitude, sentimento ou parecer insensato, especialmente de natureza hostil, assumido em consequência da generalização apressada de uma experiência pessoal ou imposta pelo meio; intolerância”. Os preconceitos que se tornaram mais conhecidos e cujo combate é mais aceito são o racial e o de gênero.

A expressão “preconceito linguístico” é mais ou menos corrente entre leitores de sociolinguística, disciplina que estuda o fenômeno da variação linguística, os fatores que a condicionam e as atitudes da sociedade em relação às variedades.

Por Sírío Possenti em 27/12/2011 na edição 674. Trecho disponível em: <
<http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/ed674-preconceito-linguistico/>> Acesso em
set. 2019.

Texto 2.

O que o seu sotaque diz sobre você?

Em 14 de novembro de 1922, a BBC colocou no ar sua primeira reportagem de rádio no Reino Unido. Não podemos ouvi-la porque não foi gravada, mas sabemos do que se trata: a matéria foi lida em uma pronúncia impecável chamada de RP, a pronúncia padrão

da língua inglesa utilizada no Reino Unido, conhecida popularmente como "o inglês da rainha". É considerada a linguagem das elites, do poder e da realeza.

Por muitos anos, a BBC só podia permitir sotaques "RP" em suas estações de rádio. Esse sotaque virou o sinônimo da voz de uma nação e isso tinha conotações muito claras. O RP era confiável, autoritário e sincero. Felizmente, a BBC agora permite toda a variedade de sotaques regionais em suas redes - inclusive encoraja isso com o objetivo de representar a audiência diversa que a BBC tem e também para atrair mais pessoas.

Por mais que a BBC não use mais apenas o RP, parece que a predisposição que havia em relação a ele continua predominante na sociedade ainda hoje. Nossos sotaques podem ser uma janela para nossas origens sociais - e nossos preconceitos. Nossas parcialidades podem ser tão fortes que chegam a afetar nossa percepção de quem é ou não confiável.

Os humanos podem julgar muito rapidamente alguém com base em sotaques e muitas vezes nem o percebem.

Melissa Hogenboom, da BBC Future, 16 abril 2018. Trecho disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-43599351> Acesso em: set.2019.

TEMA:

RECORTE TEMÁTICO:

TESE:

Argumentação:

Argumento 1:

Argumento Secundário 2:

Comentário Tema 4

Uma opção de tema que contemplaria uma boa variedade de assuntos é “o preconceito linguístico”, já presente e definido no **texto 1**. O caso dos sotaques no jornalismo no **texto 2** parece ser, aqui, um exemplo dentre outros possíveis de estranhamento e preconceito contra as diferentes variantes linguísticas. Esse texto também indica que não é um problema exclusivo do Brasil, já que a reportagem apresenta uma situação ocorrida no Reino Unido.

A partir desse tema, a argumentação pode se desenvolver em diversas direções:

- Os efeitos do preconceito linguístico na sociedade
- Preconceitos que não percebemos no dia a dia.
- Modos de combater o preconceito linguístico na sociedade.

Alguns pontos a levar em consideração e que podem ser argumentos a se desenvolver são:

- A ideia de que a norma culta do português deve ser soberana não é nova. Há um hábito frequente de corrigir pessoas que não falem do modo que acreditamos ser “correto”.
- Há uma noção de que a fala deveria ser próxima da escrita para que fosse “certa”, porém nem sempre o modo como escrevemos pode ser reproduzido.
- A oralidade conta com diversos elementos, como gírias, sotaques, abreviações etc. que não podem ser reproduzidas na escrita.
- O que é mais importante na fala? Entende-se que o principal do processo comunicacional é “passar a mensagem”, ou seja, ser compreendido pelo interlocutor. Assim, será realmente necessário que se fale da maneira mais alinhada com a norma culta?
- Associamos o falar “errado” às classes mais pobres. O preconceito linguístico pode, portanto, esconder na verdade um preconceito de classe.

4 Prática de Redação

Aqui você encontra 4 propostas diferentes a partir dos tema “Inclusão social”. Como desenvolver esses temas, quais argumentos utilizar e quais elementos de coerência e coesão utilizar, ficam a seu critério! Lembre-se, porém, que grande parte das redações do ITA exploram temas de caráter social. Por isso, o ideal é que você pratique redações que explorem esse olhar. Nesse primeiro momento, não se preocupe tanto com o tempo que você vai levar para escrever. Mais para frente nós vamos pensar nisso!

Nossa prática de redação funcionará da seguinte maneira:

- Uma proposta de redação do ITA; e
- Três propostas de redação inéditas, falando sobre o mesmo campo temático.





Proposta I.

Proposta ITA (2012)

Texto 1

Moradores de Higienópolis admitiram ao jornal Folha de S. Paulo que a abertura de uma estação de metrô na avenida Angélica traria “gente diferenciada” ao bairro. Não é difícil imaginar que alguns vizinhos do Morumbi compartilhem esse medo e prefiram o isolamento garantido com a inexistência de transporte público de massa por ali.

Mas à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros, erguer fortalezas e se refugiar em ambientes distantes do Brasil real, o poder público não fez a sua parte em desmentir que a chegada do transporte de massas não degrade a paisagem urbana.

Enrique Peñalosa, ex-prefeito de Bogotá, na Colômbia, e grande especialista em transporte coletivo, diz que não basta criar corredores de ônibus bem asfaltados e servidos por diversas linhas. Abrigos confortáveis, boa iluminação, calçamento, limpeza e paisagismo que circundam estações de metrô ou pontos de ônibus precisam mostrar o status que o transporte público tem em uma determinada cidade.

Se no entorno do ponto de ônibus, a calçada está esburacada, há sujeira e a escuridão afugenta pessoas à noite, é normal que moradores não queiram a chegada do transporte de massa.

A instalação de linhas de monotrilho ou de corredores de ônibus precisa vitaminar uma área, não destruí-la.

Quando as grades da Nove de Julho foram retiradas, a avenida ficou menos tétrica, quase bonita. Quando o corredor da Rebouças fez pontos muito modestos, que acumulam diversos ônibus sem dar vazão a desembarques, a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.

Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os “trams” das cidades alemãs e suíças. Mesmo em uma cidade de 16 milhões de habitantes na Turquia, país emergente como o Brasil, houve cuidado com os abrigos feitos de vidro, com os bancos caprichados – em formato de livro – e com a iluminação. Restou menos espaço para os carros porque a ideia ali era tentar convencer na marra os motoristas a deixarem mais seus carros em casa e usarem o transporte público.

Se os monotrilhos do Morumbi, de fato, se parecerem com um Minhocão*, o Godzilla do centro de São Paulo, os moradores deveriam protestar, pedindo melhorias no projeto, detalhamento dos materiais, condições e impacto dos trilhos na paisagem urbana. Se forem como os antigos bondes, ótimo.

Mas se os moradores simplesmente recusarem qualquer ampliação do transporte público, que beneficiará diretamente os milhares de prestadores de serviço que precisam trabalhar na região do Morumbi, vai ser difícil acreditar que o problema deles não seja a gente diferenciada que precisa circular por São Paulo.

(Raul Justes Lores. **Folha de S. Paulo**, 07/10/2010. Adaptado.)

(*) Elevado Presidente Costa e Silva, ou Minhocão, é uma via expressa que liga o Centro à Zona Oeste da cidade de São Paulo.



Texto 2



<http://novacharges.wordpress.com>

Texto 3

Gosto de olhar as capas das revistas populares no supermercado nestes tempos de corrida do ouro da classe C. A classe C é uma versão sem neve e de biquíni do Yukon do tio Patinhas quando jovem pato. Lembro do futuro milionário disneyano enfrentando a nevasca para obter suas primeiras patacas. Era preciso conquistar aquele território com a mesma sofreguidão com que se busca, agora, fincar a bandeira do consumo no seio dos emergentes brasileiros.

Em termos jornalísticos, é sempre aquela concepção de não oferecer o biscoito fino para a massa. É preciso dar o que a classe C quer ler – ou o que se convencionou a pensar que ela quer ler. Daí as políticas de didatismo nas redações, com o objetivo de deixar o texto mastigado para o leitor e tornar estanque a informação dada ali. Como se não fosse interessante que, ao não compreender algo, ele fosse beber em outras fontes. Hoje, com a Internet, é fácil, está ao alcance da vista de quase todo mundo.

Outro aspecto é seguir ao pé da letra o que dizem as pesquisas na hora de confeccionar uma revista popular. Tomemos como exemplo a pesquisa feita por uma grande editora sobre “a mulher da classe C” ou “nova classe média”. Lá, ficamos sabendo que: a mulher da classe C vai consumir cada vez mais artigos de decoração e vai investir na reforma de casa; que ela gasta muito com beleza, sobretudo o cabelo; que está preocupada com a alimentação; e que quer ascender social e profissionalmente. É com base nestes números que a editora oferece o produto – a revista – ao mercado de anunciantes. Normal.

Mas no que se transformam, para o leitor, estes dados? Preocupação com alimentação? Dietas amalucadas? A principal chamada de capa destas revistas é alguma coisa esdrúxula como: “perdi 30 kg com fibras naturais”, “sequei 22 quilos com cápsulas de centelha asiática”, “emagreci 27 kg com florais de Bach e colágeno”, “fiquei magra com a dieta da aveia” ou “perdi 20 quilos só comendo linhaça”. Pelo amor de Deus, quem é que vai passar o dia comendo linhaça? Estão confundindo a classe C com passarinho, só pode.

Quer reformar a casa? Nada de dicas de decoração baratas e de bom gosto. O objetivo é ensinar como tomar empréstimo e comprar móveis em parcelas. Ou então alguma coisa “criativa” que ninguém vai fazer, tipo uma parede toda de filtros de café usados. Juro que li isso. A parte de ascensão profissional vem em matérias como “fiquei famosa vendendo bombons de chocolate feitos em casa” ou “lucro 2500 reais por mês com meu doces”. Falar



das possibilidades de voltar a estudar, de ter uma carreira ou se especializar para ser promovido no trabalho? Nada. Dicas culturais de leitura, filmes, música, então, nem pensar.

Cada vez que vejo pesquisas dizendo que a mídia impressa está em baixa penso nestas revistas. A internet oferece grátis à classe C um cardápio ainda pobre, mas bem mais farto. Será que a nova classe média quer realmente ler estas revistas? A vendagem delas é razoável, mas nada impressionante. São todas inspiradas nas revistas populares inglesas, cuja campeã é a "Take a Break". A fórmula é a mesma de uma "Sou + Eu": dietas, histórias reais de sucesso ou escabrosas e distribuição de prêmios. Além deste tipo de abordagem também fazem sucesso as publicações de fofocas de celebridades ou sobre programas de TV – aqui, as novelas.

Sei que deve ser utopia, mas gostaria de ver publicações para a classe C que ensinassem as pessoas a se alimentar melhor, que mostrassem como a obesidade anda perigosa no Brasil porque se come mal. Atacando, inclusive, refrigerantes, redes de fast food e guloseimas, sem se preocupar em perder anunciantes. Que priorizassem não as dietas, mas a educação alimentar e a importância de fazer exercícios e de levar uma vida saudável. Gostaria de ver reportagens ensinando as mulheres da classe C a se sentirem bem com seu próprio cabelo, muitas vezes cacheado, em vez de simplesmente copiarem as famosas. Que mostrassem como é possível se vestir bem gastando pouco, sem se importar com marcas.

Gostaria de ler reportagens nas revistas para a classe C alertando os pais para que vejam menos televisão e convivam mais com os filhos. Que falassem da necessidade de tirar as crianças do computador e de levá-las para passear ao ar livre. Que tivessem dicas de livros, notícias sobre o mundo, ciências, artes – é possível transformar tudo isso em informação acessível e não apenas para conhecedores, como se a cultura fosse patrimônio das classes A e B. Gostaria, enfim, de ver revistas populares que fossem feitas para ler de verdade, e que fizessem refletir. Mas a quem interessa que a classe C tenha suas próprias ideias?

(Cynara Menezes, 15/07/2011, em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/o-que-quer-a-classe-c>)

Observe a charge ao lado. A partir dela, e considerando os textos desta prova cujos temas se aproximam ao da charge, redija uma dissertação em prosa, na folha a ela destinada, argumentando em favor de um ponto de vista sobre o tema. A redação deve ser feita com caneta azul ou preta.

Na avaliação de sua redação, serão considerados:

- a) clareza e consistência dos argumentos em defesa de um ponto de vista sobre o tema;
- b) coesão e coerência do texto; e
- c) domínio do português padrão. (Serão aceitos os dois Sistemas Ortográficos em vigor, conforme Decreto 6.583, de 29/09/2008.)



**- Ora, saiam daqui, seus imundos!
Estão pensando o quê?
Só dou esmolas para tragédias internacionais!**

Comentário:

Proposta I.

Nesta proposta, espera-se que o aluno seja capaz de desenvolver possíveis teses relacionadas às **tensões de classe**, principalmente pensando nas diferenças sociais. Há outros temas possíveis, mas todos eles giram em torno da ideia de **classe social**.

O **Texto 1** parte de uma situação muito em voga naquele ano: em São Paulo, durante o planejamento da construção de uma linha do metrô, ocorreu uma discussão acerca do local em que uma estação ficaria: alguns moradores do bairro Higienópolis – um bairro tradicional – se posicionaram contrários à construção de uma estação numa das avenidas principais do bairro. Essa situação gerou uma série de críticas e questionamentos. Morar num bairro nos daria direito a decidir qualquer coisa sobre ele, inclusive as mudanças mais permanentes como linhas de metrô? Em que medida o preconceito norteia as decisões? Há justificativa para a sensação e que mudanças poderiam gerar insegurança num contexto urbano marcado pela violência?

O **Texto 2** parte do filme Matrix para fazer uma crítica à realidade. Em Matrix, [CONTÉM SPOILERS] Neo é um programador que começa a se questionar sobre o que é ou não real. Ele conhece Morpheus e Trinity, que revelam para ele que é vítima do Matrix, um sistema de inteligência artificial que manipula a mente das pessoas, criando uma ilusão de mundo real. Assim, as máquinas usam enquanto usa os cérebros e corpos dos indivíduos para produzir energia. A tirinha produz uma ironia a partir disso: essas pessoas que estão dentro dos carros também vivem numa realidade paralela, sem perceber a realidade a sua volta.

O **Texto 3** produz uma crítica aos meios de comunicação, principalmente ao modo como são tratadas as pessoas da Classe C. O texto critica uma estereotipação das pessoas mais pobres, principalmente a partir dos assuntos tratados pelas revistas, como se o único interesse dessas pessoas fosse relacionado a ganhar mais dinheiro ou a mudar a si mesmas. A autora também critica um projeto de manutenção de classe: ao não incentivar a classe C a estudar, mudar de vida e pensar suas próprias ideias, mantém-se as pessoas no lugar delas e não se dá chance para nenhuma alteração social.

A **charge que acompanhava a proposta** apresenta um casal aparentemente rico. Eles possuem elementos bastante estereotipados de personagens ligadas à ideia de classes abastadas: o charuto, o colar e brincos de pérola, o homem pequeno e gordo ao lado de uma mulher alta e magra, além do carro bem protegido, com o vidro elétrico. Do lado de fora, pessoas todas aparentemente iguais, com grandes olhos, bocas abertas e mãos esticadas. No texto abaixo, o homem desdenha das pessoas, afirmando que não dá esmolas aos “imundos”, apenas às “tragédias internacionais”. Com essa charge, Angeli denuncia a hipocrisia das pessoas que não promovem caridade por pensar no bem-estar social, mas sim para manter as aparências. Não há o desejo de ajudar o próximo, mas sim de aplacar sua própria consciência e criar uma máscara, uma personagem caridosa.

Há uma série de caminhos que poderiam ser tomados a partir disso. Tomando como base alguns elementos de cada texto:

- A desigualdade social perene no Brasil



Possíveis argumentos: quais as razões para a desigualdade social no Brasil? É possível mudar esse quadro ou há um interesse de manutenção dessas relações desiguais? Quais estratégias são usadas nessa manutenção – como a representação na mídia, por exemplo?

- As relações de classe e suas possibilidades de negociação

Possíveis argumentos: há possibilidade de negociação entre classes? Que estratégias podemos bolar para, dentro do sistema que vivemos, as tensões de classe possam diminuir. Qual a responsabilidade das classes mais altas na diminuição das desigualdades sociais?

- O caráter honesto ou não por trás do voluntariado/doações.

Possíveis argumentos: muitas pessoas tendem a fazer caridade apenas para aplacar um sentimento de culpa de classe, sem de fato se importar com as outras pessoas. Há uma ideia de poder se mostrar a partir da caridade, como se fosse mais aceitável socialmente ajudar os outros. Por outro lado, para as pessoas que estão sendo ajudadas, faz diferença o motivo por que alguém fez a caridade?

Proposta II

Texto 1

O lazer é criação da civilização industrial, e aparece como um fenômeno de massa com características especiais que nunca existiram antes do século XX.

Antes o lazer era privilégio dos nobres que, nas caçadas, festas, bailes e jogos, intensificavam suas atividades predominantemente ociosas. Mais tarde, os burgueses enriquecidos também podiam se dar ao luxo de aproveitar o tempo livre.

Os artesãos e camponeses que viviam antes da Revolução Industrial seguiam o ritmo da natureza: trabalhavam desde o clarear do dia e paravam ao cair da noite, já que a deficiente iluminação não permitia outra escolha. Seguiam o ritmo das estações, pois a semente exige o tempo de plantio, tanto quanto a colheita deve ser feita na época certa...

O advento da era industrial e o crescimento das cidades alteram o panorama. Com a introdução do relógio, o ritmo do trabalho deixa de ser marcado pela natureza. A mecanização, divisão e organização das tarefas exigem que o tempo de trabalho seja cronometrado, e as extensas jornadas de dezesseis a dezoito horas mal deixam tempo para a recuperação fisiológica. (...)

O que é lazer, então? Segundo Dumazedier, "o lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

(Aranha, M. L de Arruda & Martins, M. H. Pires. **Filosofando: introdução à Filosofia**. São Paulo: Editora Moderna, 1995, 2ª. Edição revista e atualizada.)

Texto 2

"Muitas práticas no lazer têm se consolidado enquanto estímulo ao consumo de objetos e serviços; produtos intensamente divulgados pela mídia com fins mercadológicos. Estas práticas estão presentes nas cidades vendendo sonhos de prazer e experiências de diversão



e distração, possibilidades de compensação para o tédio e o sofrimento humano. São formas de lazer pré-fabricadas e programadas na lógica do capitalismo que vão configurar a cidade hipermoderna. (...)

A cidade do lazer pulsa intensamente enquanto fenômeno movido pela globalização econômica, na produção de estilos de vida artificiais e pré-determinados, em que a participação reflexiva e crítica dos sujeitos está praticamente ausente. Há um não querer pensar em si mesmo. Para tanto, os lazeres barulhentos e tumultuados e os divertimentos agitados se justificariam como escape a nossa infeliz condição..."

(Pinheiro, Kátia F. & Soares, Jorge Coelho. "Cidade do lazer: expectativa do prazer" In: **Revista mal estar e Subjetividade** (volume 9. No.3). Fortaleza: setembro 2009)

Texto 3

Ai que prazer

Não cumprir um dever,

Ter um livro para ler

E não fazer!

Ler é maçada,

Estudar é nada.

Sol doira

Sem literatura

O rio corre, bem ou mal,

Sem edição original.

E a brisa, essa,

De tão naturalmente matinal,

Como o tempo não tem pressa...

Livros são papéis pintados com tinta.

Estudar é uma coisa em que está indistinta

A distinção entre nada e coisa nenhuma.

Quanto é melhor, quanto há bruma,

Esperar por D.Sebastião,

Quer venha ou não!

Grande é a poesia, a bondade e as danças...

Mas o melhor do mundo são as crianças,

Flores, música, o luar, e o sol, que peca

Só quando, em vez de criar, seca.

Mais que isto

É Jesus Cristo,

Que não sabia nada de finanças

Nem consta que tivesse biblioteca...

(Fernando Pessoa)

Texto 4

Embora exista a ideia corrente de que é extremamente importante estarmos sempre fazendo alguma coisa, produzindo, inventando, inovando, investindo em nosso tempo e em nossa imagem, "fazendo a diferença", como dizem alguns especialistas, é importante perceber que os grandes momentos de criação estão intimamente ligados aos períodos em que supostamente alguém não estava fazendo nada de especial. (...)

Segundo alguns relatos, o excepcional Einstein, por exemplo, passava horas olhando trens se deslocando sobre os trilhos de uma estação ferroviária. A partir dessas suas ociosas



observações nasceram novos e revolucionários conceitos e teorias sobre o tempo, o espaço e a matéria que mudaram totalmente os rumos da ciência. Mas com certeza não foram poucos os que o achavam um homem esquisito e sem nada de mais interessante e útil para fazer.

(Disponível em <http://www.plurall.com/forum/cultura-trance/textos-poesias/27120-importancia-nao-fazer-nada/>, site consultado em 04.07.2011)

Comentário:

Proposta II.

Nesta proposta, espera-se que o aluno seja capaz de desenvolver possíveis teses relacionadas à questão do **papel que o lazer tem para o indivíduo no mundo contemporâneo**. Há outros temas possíveis, mas todos eles giram em torno da ideia de **lazer**.

O **Texto 1** fala sobre nossa noção de lazer e tempo livre. A ideia do texto gira em torno das diferenças de compreensão da ideia de lazer nas diferentes classes sociais ao longo do tempo. Fica um questionamento com o trecho final do texto que é: em que medida é possível divertir-se ou participar de situações sociais de maneira voluntária num sistema que já está todo dado. Se só é possível nos divertirmos no tempo determinado pelo trabalho ou pelas obrigações, em que medida ele é um tempo livre de verdade?

O **Texto 2** questiona a ligação do lazer com o consumo. Há um entendimento no contemporâneo de que há sempre uma ligação mercadológica no ato de divertir-se. Ir a um restaurante, ao cinema, ao teatro e outros lugares de lazer demanda uma troca monetária. Outro ponto levantado é a tendência a criar espaços de lazer do “não pensar”, ou seja, espaços em que não há espaço para reflexão, apenas alienação. Será que nosso lazer está ligado atualmente a não pensar de maneira crítica sobre a sociedade?

O **Texto 3** levanta uma possibilidade contrária ao texto 2: o lazer, aqui, não está na multiplicidade de referências, mas sim no “nada”. A verdadeira fruição está em poder ser livre para fazer o que se deseja, sem pensar nas obrigações ou demandas. O poema também questiona o valor das ações humanas diante da natureza e do natural, pondo na balança qual a importância que atribuímos à civilização e às suas estruturas.

O **Texto 4** investiga a ideia de ócio. O texto defende que o tempo ocioso pode ser extremamente criativo, pois a não obrigação de produzir ou “render” pode gerar produtos mais interessantes. Assim, o texto questiona qual o espaço para o novo numa sociedade sistematizada. Ele também tangencia a ideia de necessidade de estar sempre produtivo e excelente.

DICA: Lembre-se do que falamos sobre **a sociedade do cansaço**. Pode ser uma linha de análise!

Há uma série de caminhos que poderiam ser tomados a partir disso. Tomando como base alguns elementos de cada texto:

- O lazer deve servir para relaxar, mas também para fortalecer o pensamento crítico.

Possíveis argumentos: os momentos de lazer devem servir para despertar o potencial criativo, para que não seja alienante; há possibilidades pedagógicas e didáticas no lazer;

deve-se buscar vivências para além da cultura de massa para fortalecer o pensamento e relaxar.

- A importância do lazer para nossa saúde mental.

Possíveis argumentos: o lazer não precisa ser apenas vinculado ao escape à rotina, pois pode-se construir momentos no cotidiano que tragam relaxamento e diversão; numa sociedade que cobra demais física e espiritualmente, deve-se saber desvincular-se das demandas do trabalho.

- As relações entre o trabalho e o tempo livre.

Possíveis argumentos: Numa sociedade que cobra desempenho e produtividade, a ideia de não trabalhar é malvista; o dito "tempo livre" é questionável numa estrutura que direciona tão fortemente o que podemos e quando podemos fazer; deve-se pensar novas estruturas de trabalho e organização social que não excluam a diversão do trabalhador.

Proposta III

Texto I

Futebol feminino na periferia é tema de livro-reportagem em quadrinhos

"Minas da Várzea" é o primeiro livro-reportagem da Agência Mural de Jornalismo das Periferias. Ele conta – em quadrinhos – a história do futebol feminino nas periferias de São Paulo. Para produzir o livro, os jornalistas foram até o distrito de Parelheiros, extremo sul da capital paulista, em direção à aldeia indígena do povo Guarani Mbya, e ao campo de terra laranja de Vargem Grande, bairro construído dentro de uma cratera formada por um corpo celeste há milhões de anos.

As repórteres Priscila Pacheco e Luana Nunes, correspondentes do Grajaú e de Parelheiros, foram ouvir as histórias das meninas que não largam a bola. E os desenhistas Alexandre De Maio, um dos pioneiros do jornalismo em quadrinhos no Brasil e Magno Borges, muralista do Jaraguá, foram junto para ajudar a contar todos os detalhes em HQ.

As entrevistadas falaram sobre os desafios que enfrentam para jogar futebol, como o peso de pagar o transporte até o jogo e a falta de tempo para treinar e de incentivo. Há histórias como a da jogadora Josiana Andrade, 25, que jogou até os três meses de gravidez e voltou 40 dias após ter dado a luz.

Por Equipe do Observatório da Imprensa em 12/11/2018 na edição 1013. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/grande-reportagem/futebol-feminino-na-periferia-e-tema-de-livro-reportagem-em-quadrinhos/>> Acesso em 10 set. 2019.

Texto II

As mulheres ainda foram maioria nos cuidados com a casa: 145,1 milhões de pessoas com 14 anos ou mais de idade realizaram afazeres domésticos no ano passado, sendo 68 milhões de homens e 82,1 milhões de mulheres.

"Há um fenômeno estrutural, que é as mulheres fazerem mais afazeres domésticos que os homens. A taxa de participação dos homens até vem caminhando um pouco no sentido de melhorar, mas ainda é um problema estrutural no nosso País", explicou Aguas.



Apesar da diferença, houve melhora na atuação masculina nas tarefas domésticas nos últimos dois anos. Em relação a 2016, mais 11,1 milhões de homens passaram a participar também dos cuidados com a casa. Entre as mulheres, mais 4,1 milhões declararam fazer algum tipo de tarefa doméstica.

Como consequência, a taxa de realização de afazeres domésticos das mulheres (92,2%) permaneceu superior à dos homens (78,2%). Mas essa diferença, hoje de 14 pontos percentuais, era maior em 2016 (17,9 pontos percentuais) e em 2017 (15,3 pontos percentuais).

"Quando o homem mora sozinho, ele tem perfil muito parecido com o da mulher. O perfil da mulher não muda, ela sempre faz (tarefa doméstica), sozinha ou acompanhada. O homem, quando tem alguém para compartilhar (o domicílio), ele faz menos tarefas domésticas", ressaltou Aguas.

Por Daniela Amorim. Trecho disponível em: <<https://www.terra.com.br/economia/ibge-mulheres-trabalham-quase-o-dobro-de-horas-que-homens-nos-cuidados-da-casa-e-parentes,2fc7106b3e9eef04f93d50ff83885bf2xcbjucbu.html>> Acesso em 10 set. 2019.

Texto III

A jovem que construiu a própria casa e é a única brasileira a dar dicas de reforma no YouTube

Paloma e sua mãe foram as responsáveis pela ampliação da casa onde moram há 25 anos, que tinha originalmente apenas dois cômodos. Hoje, são quatro quartos, dois banheiros, cozinha, sala, varanda e quintal – e, em todos estes ambientes, a youtuber já fez alguma obra.

Ela aprendeu a fazer as reformas com os amigos da mãe, que ajudaram a ampliar o imóvel quando o dinheiro da família para as reformas acabou. Logo, descobriu que gostava de fazer isso e, mais, que tinha talento.

Com o passar dos anos, Paloma e Ivone se tornaram as únicas “mestres de obras” da casa. Embora a mãe não se aventure tanto nisso quanto a filha, ela ajuda nos acabamentos. “A gente fala que sou a pedreira, e minha mãe, a servente.”

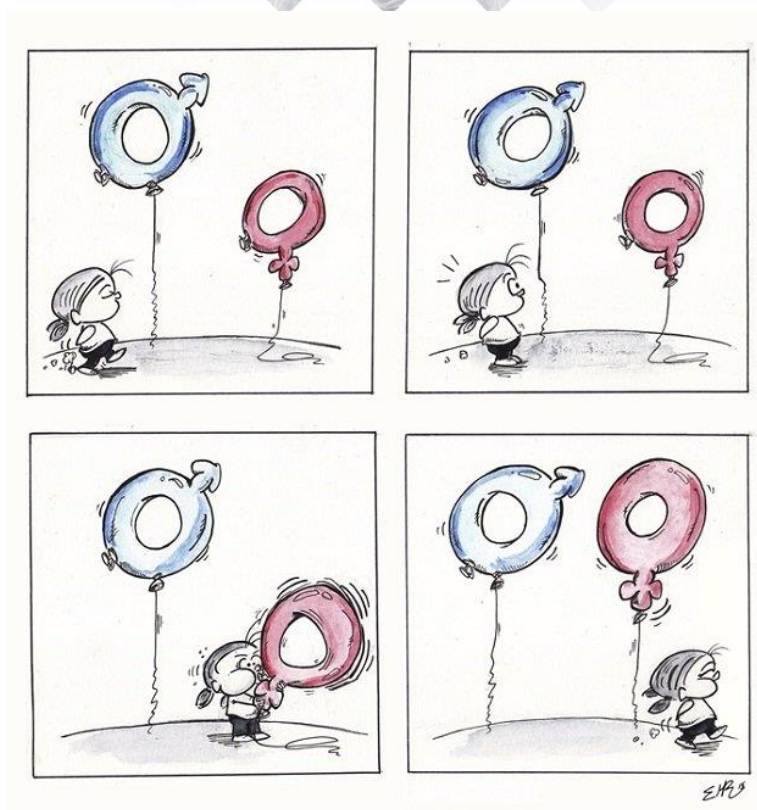
A experiência levou a jovem a estudar engenharia civil em 2013, mas ela largou o curso no primeiro semestre para se dedicar ao YouTube, quando o projeto ainda era sobre outros temas. Hoje, é uma especialista no tema.

Ela estima ter economizado quase R\$ 25 mil fazendo a construção e a reforma da sua casa por conta própria. “Com certeza, não teria condições de pagar por todas as coisas que fiz.”

Mayra Sartorato, da BBC News Brasil, 23 março 2019. Trecho disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-47661993>> Acesso em 10 set. 2019.



Texto IV



Emilio Morales Ruiz. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2015/08/ilustracoes-divertidas-mostram-que-a-luta-pela-igualdade-de-genero-esta-longo-de-acabar/>> Acesso em 10 set. 2019.

Comentário:

Proposta III.

Nesta proposta, um dos temas possíveis a serem depreendidos é **"questões de gênero no contemporâneo"**. O tópico foi abordado de diversos ângulos diferentes.

O **Texto I.** fala sobre um assunto que ganhou muita projeção nos últimos tempos: o futebol feminino. Apesar de relegado por muito tempo ao segundo plano, o esporte tem sido mais valorizado no presente. Isso pode indicar uma série de movimentos: uma maior busca por igualdade de gênero em diversos círculos; uma necessidade de buscar novos nichos de mercado; uma popularização de uma prática cotidiana, entre outros. O importante é pensar quais são as políticas afirmativas e modificações sociais impulsionando essa busca por igualdade.

O **Texto II.** expõe que até hoje ainda há uma diferença no cotidiano de homens e mulheres quando o assunto são as tarefas domésticas. O texto conclui que o aumento de homens realizando tarefas domésticas não tem necessariamente a ver com uma mudança de paradigma de pensamento, mas sim com uma nova realidade: mais homens morando sozinhos. Por não terem ninguém para fazer as tarefas, os homens as fariam; porém, na medida em que voltassem a morar com alguma mulher, eles voltariam também a não realizar trabalhos domésticos. Isso indicaria que não houve mudança verdadeira de pensamento na sociedade.



O **Texto III.** fala sobre uma menina que construiu a própria casa e transmite esse conteúdo na internet. Para além das questões de gênero óbvias envolvidas – o estereótipo que mulheres não se envolveriam com construção civil, por exemplo – há que se pensar sobre o papel da internet e das novas comunicações na busca de uma sociedade mais igual. As pessoas se aproveitam da potencial democratização de produção de conteúdo para mostrar também outras realidades, muitas vezes questionando papéis sociais. Qual a importância da internet para uma mudança social verdadeira?

O **Texto IV.** é uma tirinha que apresenta uma ideia de responsabilidade: quem deve se responsabilizar pela luta pela igualdade de gênero? A tirinha apresenta uma personagem sem indicar seu gênero. Não somos capazes de dizer se é um menino ou uma menina. O que vemos é que, independente do gênero, essa pessoa enche o balão com o símbolo do feminino para que ele se equipare ao masculino. A ideia que fica é que homens ou mulheres, ambos devem se responsabilizar pelas mudanças sociais, trabalhando para uma sociedade mais igualitária.

Há uma série de caminhos que poderiam ser tomados a partir disso. Tomando como base alguns elementos de cada texto:

- A persistência da desigualdade de gênero

Possíveis argumentos: ainda hoje há desigualdade entre homens e mulheres em diversas áreas. Onde você enxerga essas diferenças e porque acredita que elas ainda existam? Quais políticas têm sido efetivas e quais não no combate à desigualdade?

- A necessidade de mudanças no paradigma de pensamento acerca dos gêneros

Possíveis argumentos: parece evidente pelos textos de apoio que ainda não houve mudança verdadeiramente quando o assunto é gênero. Porque seria necessária essa mudança? Ela é necessária para você? Quais os ganhos sociais, financeiros, culturais etc. de uma maior igualdade?

- Como as novas mídias podem ser uma aliada na busca de uma maior igualdade de gênero.

Possíveis argumentos: A internet democratizou os meios de expressão, possibilitando que qualquer um possa expressar-se nos meios digitais. Como as lutas pela igualdade se beneficiam desse movimento? Parece haver maior espaço para vozes dissonantes na internet e, com isso, uma maior divulgação de experiências e vivências distintas. Como a luta pela igualdade se beneficia disso?

Proposta IV

A busca de um estilo de vida satisfatório foi objeto de reflexão por parte de artistas e pensadores. Em nossa época, o estilo baseado no consumismo e no sucesso financeiro e material parece dominar de tal forma os parâmetros da existência que não restaria outra opção de estilo de vida. Faz-se necessário refletir, cada vez mais, se é possível construir formas diferenciadas de viver e se ainda há espaço para uma sociedade fora das estruturas dadas.



Texto 1

"Todos os homens buscam a felicidade. E não há exceção. Independentemente dos diversos meios que empregam, o fim é o mesmo. O que leva um homem a lançar-se à guerra e outros a evitá-la é o mesmo desejo, embora revestido de visões diferentes. O desejo só dá o último passo com este fim. É isto que motiva as ações de todos os homens, mesmo dos que tiram a própria vida."

(Blaise Pascal)

Texto 2

"E a vida!

E a vida o que é?

Diga lá, meu irmão

Ela é a batida

De um coração

Ela é uma doce ilusão

Hê! Hô!...

E a vida

Ela é maravilha

Ou é sofrimento?

Ela é alegria

Ou lamento?

O que é? O que é?

(...)

Você diz que é luxo e prazer

Ele diz que a vida é viver

Ela diz que melhor é morrer

Pois amada não é

E o verbo é sofrer..."

(Trecho de O que é, o que é?, composição:
Gonzaguinha)

Texto 3

"Freegans" vivem de lixo para reverter desperdício

Movimento que prega existência frugal e combate consumo ganha força nos EUA

Sob filosofia da reciclagem e reaproveitamento, adeptos evitam compras e coletam alimentos jogados fora por mercados e restaurantes

Denyse Godoy, de Nova York

Eles podem representar os primórdios ou o futuro da humanidade. Os freegans - "free" (livre ou grátis) + "vegan" (vegetariano)- valorizam o senso de comunidade e obtêm os meios para sua subsistência principalmente da coleta. Em um momento de grande preocupação com a ameaça aos habitantes do planeta que a mudança climática apresenta, e sendo o estilo de vida dos homens apontado como o grande responsável, a filosofia freegan, que nasceu nos EUA em meados da década de 1990, tem ganhado mais força e adeptos.

"Eu estava com mais ou menos 17 anos quando decidi me recusar a participar desse sistema de grandes corporações que exploram o trabalho alheio, do hábito de consumir por consumir, da extrema competição entre as pessoas. Resolvi não compactuar com o capitalismo", explica Adam Weissman, 29, um dos líderes dos freegans em Nova York. Ao menos uma vez por semana eles se encontram nas ruas da rica Manhattan para conseguir



alimentos. E, já que a palavra comprar não faz parte do seu vocabulário, a tática que lhes resta é o chamado "dumpster diving" -um mergulho exploratório no lixo.

(Folha de São Paulo, domingo, 04 de novembro de 2007)

Comentário:

Proposta IV.

Nesta proposta, espera-se que o aluno seja capaz de desenvolver possíveis teses relacionadas à ideia de se é possível construir formas diferenciadas de viver e se ainda há espaço para uma sociedade fora das estruturas dadas. Os temas poderiam variar entre "felicidade", "novos modos de organização social" e derivados.

O **Texto 1** fala sobre a busca de felicidade. O texto ressalta que as pessoas buscam felicidade de diversas maneiras. Muitas vezes, o que parece bom para uma pessoa não é bom para outra. Os modos de encontrar a felicidade variam entre os indivíduos. Para o texto, porém, é indiscutível que todos estão buscando a felicidade em alguma medida.

O **Texto 2**, ainda na mesma linha de pensamento do texto 1, fala sobre diversos modos de entender a felicidade. O texto ainda questiona sobre o que é a vida: é possível dizer se ela é mais alegria ou sofrimento, por exemplo? Ainda há uma questão acerca da ideia de luxo, tangenciando a noção de que nossa felicidade, no contemporâneo, pode estar fortemente ligada à ideia de consumo.

O **Texto 3** expõe um grupo que opta por ir na contramão do desejo de consumo - tão enraizado na sociedade - e simplesmente parar de comprar. A ideia também questiona a nossa produção de resíduos e em que medida nossa produção é excessiva, incentivada por um sistema que valoriza o consumismo. O grupo promove uma iniciativa que, de algum modo, questiona as estruturas e encontra um novo modo de viver. O questionamento que fica para o leitor é até que ponto essa ação pode se multiplicar e provocar mudanças estruturais?

Há uma série de caminhos que poderiam ser tomados a partir disso. Tomando como base alguns elementos de cada texto:

- Há possibilidade mudança ou chegamos no fim da história?

Possíveis argumentos: o sistema capitalista contemporâneo se vende como a única possibilidade de governo, ou seja, como se nada mais pudesse haver de novo depois dele; talvez ainda haja possibilidade de mudanças a partir das pequenas estruturas; as ações individuais, quando ganham repercussão, podem provocar mudanças nos sistemas (pensar em exemplos de leis criadas apela iniciativa popular, por exemplo).

- A busca pela felicidade nos dias de hoje

Possíveis argumentos: a ideia de felicidade está muito ligada ao consumo e às demandas do mercado; a indústria cultural cria padrões de felicidade nem sempre atingíveis, o que pode gerar problemas à saúde mental dos indivíduos; é preciso criar modos de encontrar a felicidade se que isso esteja atrelado às estruturas monetárias.

- A negação das estruturas do sistema no nível individual

Possíveis argumentos: ainda que não sejamos capazes de mudar o sistema como um todo, somos capazes de pequenas mudanças que podem influenciar na melhoria da qualidade

de vida; muitas vezes, pequenas ações parecem ter pequeno impacto, mas elas podem influenciar as comunidades de maneira permanente; pensar em casos em que algo começou pequeno e acabou se espalhando para mais pessoas (ex.: a extinção do canudo de plástico).

5 Considerações finais

Mais uma etapa vencida, Bolas de Fogo.

Na próxima aula, falaremos das formas possíveis de construção de conclusão da sua redação. Estamos indo bem! Treine e veja o desempenho!

Prof. Wagner Santos



Professor Wagner
Santos



@wagnerliteratura
@profwagnersantos

Versão	Data	Modificações
1	15/05/2021	Primeira versão do texto.

